

AMBIENTE ENQUANTO FENÔMENO: ENSINO DE ARQUITETURA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Environment as a phenomenon: teaching architecture in the phenomenological
perspective

Ambiente como fenómeno: enseñanza de arquitectura en la perspectiva
fenomenológica

Tatiana Benevides Magalhães Braga
Tommy Akira Goto
Universidade Federal de Uberlândia

Luiz Paulo Cobra Monteiro
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

Este artigo apresenta aspectos teórico-práticos desenvolvidos em disciplina ministrada a alunos do nono semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo, cujo tema é a relação entre Fenomenologia e Arquitetura. No âmbito teórico, foi abordada a formulação da fenomenologia enquanto corrente de pensamento por Edmund Husserl, bem como seus desdobramentos na arquitetura, principalmente no pensamento de Martin Heidegger e Christian Norberg-Schulz. No decorrer da disciplina, desenvolveu-se uma metodologia de ensino visando desconstruir o olhar técnico e elaborar uma perspectiva que abarcasse o lugar enquanto fenômeno. No trabalho em que os alunos elaboraram um projeto de intervenção paisagística em praça pública, desvelaram-se aspectos de relação com o local, percebidos e elaborados na descrição de suas vivências e das percepções de modos de habitar o lugar. Como discussão, apresenta-se a relevância da teorização a partir de um percurso pela experiência vivida como recurso para a compreensão da arquitetura na perspectiva fenomenológica.

Palavras Chave: Fenomenologia; Arquitetura; Paisagismo; Ensino de Arquitetura.

Abstract

The present article presents the theoretical and practical aspects developed in the “*elective discipline II*” from the course of architecture and urbanism of PUC-MG from the “Poços de Caldas” campus, given to our 9th semester students, which the theme is “phenomenologia and architecture”. From the theoretical point of view, it was approached the main aspects of the phenomenological perspective formulation, while a though chain, by Edmund Husserl, as well as their deployment into the architecture, specially from the Martin Heidegger and Christian Norberg-Schulz thoughts. During the discipline, it was developed a particular teaching methodology to the deconstruction of the technical view and the elaboration of a perspective that encompass the place while a phenomenon. In the final work, where the students elaborate a project of a landscape intervention in a square, they unveil aspects of relation with the square apprehended and elaborated on the

description of their experiences and the perception of the mode on how each one dwells the place. As a discussion, they present the course relevance of the experience lived for the theorization as a resource to the comprehension of the architecture in the phenomenological perspective, whereupon the place unveil itself as a phenomenon.

Key Words: Phenomenology; Architecture; Landscape; Architecture; Teaching.

Resumen

Este artículo presenta aspectos teórico-prácticos desarrollados en disciplina ministrada a alumnos del noveno semestre del curso de Arquitectura y Urbanismo, cuyo tema es la relación entre Fenomenología y Arquitectura. En el ámbito teórico, se abordó la formulación de la fenomenología como corriente de pensamiento por Edmund Husserl, así como sus desdoblamientos en la arquitectura, principalmente en el pensamiento de Martin Heidegger y Christian Norberg-Schulz. En el transcurso de la disciplina, se desarrolló una metodología de enseñanza destinada a deconstruir la mirada técnica y elaborar una perspectiva que abarcara el lugar como fenómeno. En el trabajo en que los alumnos elaboraron un proyecto de intervención paisajística en plaza pública, se desvelaron aspectos de relación con el local, percibidos y elaborados en la descripción de sus vivencias y de las percepciones de modos de habitar el lugar. Como discusión, se presenta la relevancia de la teorización a partir de un recorrido por la experiencia vivida como recurso para la comprensión de la arquitectura en la perspectiva fenomenológica.

Palabras clave: Fenomenología; Arquitectura; Paisajismo; Enseñanza de Arquitectura.

INTRODUÇÃO

Ao articular sujeito e objeto como constituintes das possibilidades de conhecimento do mundo, a fenomenologia propõe uma crítica à construção tradicional do conhecimento pelas ciências. Essa abordagem tradicional da ciência baseia-se na aplicação de modelos teóricos universais a contextos específicos da realidade e considera o conhecimento enquanto aplicação de processos racionais sobre o mundo empírico, sendo fortemente influenciada pelo modelo da física clássica de Newton e pela concepção de Kant sobre o processo epistêmico. Em sua crítica a tal perspectiva, a Fenomenologia, fundada por Edmund Husserl (1859-1938), alerta para o risco de que modelos teóricos universalmente aplicáveis se distanciem da realidade concreta dos objetos sobre os quais se aplicam, levando à perda de contato desses modelos com a realidade em si. É neste sentido que podemos compreender tanto o apelo de Husserl para um retorno “às coisas mesmas” quanto a observação de Merleau-Ponty (2015) que “A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele” (p.3).

A partir dessa crítica, o método fenomenológico busca resgatar originariamente a articulação entre sujeito e objeto, reorientando radicalmente a proposição cartesiano-kantiana. Enquanto para Kant (2015) o conhecimento se baseia na apreensão do mundo empírico pelo sujeito, que o sistematizaria por meio de categorias racionais *a priori* da consciência, para Husserl (2011) o conhecimento ocorre a partir de um direcionamento da consciência sobre as coisas. Nesta proposição, Husserl (2011) elabora uma nova acepção de consciência, a consciência intencional, considerada um ato, uma perspectiva, um movimento em direção às coisas, e não um objeto. Na noção de consciência intencional, o sujeito existe a partir de correlação direta e *a priori* com um mundo concretamente vivido e, simultaneamente, qualquer conhecimento da realidade significa uma apreensão do mundo a partir de uma dada perspectiva, fundada no ato de consciência.

Desse modo, o primeiro acesso ao mundo ocorre no concretamente vivido: o conhecimento de qualquer objeto, seja ele o espaço, as relações humanas, o tempo ou o corpo, se fundaria primeiramente na vivência que dele possamos ter. Conforme Merleau-Ponty (2015): “Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem — primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho” (p.4, grifos do autor).

Para alçar como ponto de partida nossa experiência direta das coisas, Husserl propõe o método fenomenológico. Seu primeiro passo é a *epoché*, ou suspensão dos juízos, em que as concepções prévias sobre algo são colocadas “entre parênteses”, possibilitando o contato com o fenômeno em si pela intuição imediata. O segundo passo é a *redução eidética*, em que o fenômeno é analisado retirando os seus elementos variantes até chegar aos elementos essenciais, ou ao *eidós*. Diz Husserl (2011): “Essência designou, antes de mais nada, aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como o que ele é. Mas cada um desses ‘o quê’ ele é, pode ser ‘posto em ideia’”(p.35). Por fim, o terceiro passo é a *redução transcendental*, em que a consciência também pode ser tomada em análise, ou seja, a própria condição da consciência em seus atos de geram significados e conhecem as coisas.

Partindo do método fenomenológico, o filósofo Martin Heidegger (1889-1976) inicia sua investigação sobre o ser, propondo uma análise de nossa existência no mundo a partir da dimensão ontológica do existir, que se mostra em nossa experiência direta com o que nos cerca. Nesta acepção, o homem é compreendido enquanto ser-aí, destacando o caráter de enlaçamento entre nossa experiência de ser e tudo o que a cerca. Esta experiência de ser tem como dimensão o devir, o fato de manifestar-se num acontecer, presente na própria designação do verbo ser – a ação de ir sendo quem, a cada momento, sou. Simultaneamente, a dimensão do aí configura a experiência de ser em uma relação direta e concreta com as

coisas: em um corpo, em uma espacialidade, em uma temporalidade. Sob tal prisma, o mundo habitado não se compõe de coisas mensuráveis conforme um ponto de vista externo à consciência, mas das relações entre o ser-aí e as coisas – o universo de relações de sentido que acompanha a aparição do mundo para nós. Assim, a fenomenologia reorienta as concepções tradicionais sobre a relação entre ser e mundo, possibilitando uma retomada de conceitos próprios da arquitetura, como o espaço e os objetos, a partir de uma dimensão vivencial, que ressoa no diálogo entre fenomenologia e psicologia.

Em sua ressignificação da relação entre ser e mundo, Heidegger (2006) propõe uma reflexão sobre a articulação entre habitar e construir, tomando uma perspectiva muito diversa da proposta pela categoria meios-fins: não construímos *para* habitar, mas construímos *na medida que* habitamos. Assim, o próprio construir, isto é, o lidar com os instrumentos na transformação do espaço natural, na manipulação do artefato humano que permite a criação de um mundo de coisas, apenas é possível porque primeiramente *habitamos o mundo*, ou seja, tecemos relações de sentido com tudo o que está à nossa volta, relacionando-nos com as coisas enquanto coisas. Nessa perspectiva, Heidegger (2006) observa que, embora “uma ponte, um hangar, um estádio” sejam construções, mas não habitações, estas construções estão no âmbito do habitar, pois elas “oferecem ao homem um abrigo” (p.125). Em outras palavras, elas constituem o universo de familiaridade com o mundo que o homem cria para si, lidando com os objetos no entremeio de uma trama significativa. Assim, “Construir não é (...) apenas meio para a habitação. Construir é, em si mesmo, habitar” (p.126), pois através da ação de construir damos sentido ao mundo e erigimos nosso modo próprio de tecer, com ele, pertencimento.

Na medida em que habitar o mundo é relacionar-se com seus entes na imersão em uma trama significativa, o próprio habitar e a linguagem encontram-se profundamente imbricados. Heidegger (2006) expressa essa relação quando afirma que o homem habita poeticamente. A expressão “habitar poeticamente” (p.165) resgata o significado etimológico do termo grego *poiesis* (linguagem). Designando o mundo no horizonte de seu sentido para o homem e permitindo com ele familiaridade, a linguagem consiste no modo humano de contatar as coisas. Nas palavras de Heidegger (2006): “o acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem” (p. 168). É na designação do mundo que constituímos a trama de sentido pela qual habitamos e a partir da qual o contato com qualquer coisa se descortina para nós.

É também no percurso de sentido do próprio verbo construir que encontramos sua relação com a ideia de habitar o mundo. Para Heidegger (2006), pensamento moderno compreendeu o construir unicamente no sentido técnico de *produzir* e o habitar como um *comportamento* humano entre outros. Porém, no resgate da origem desses verbos nas antigas expressões alemãs, encontramos ressonâncias entre os termos *bauen* (construir) e

buan (habitar). *Buan* designa permanecer e morar, mas também significa proteger, cultivar e cuidar do crescimento, apontando para a relação entre o ato de construir e a criação/cuidado com um lugar de pertencimento humano no mundo. Do mesmo modo, encontramos ressonâncias entre *bauen* (construir) e *bin* (ser), indicando que o próprio existir significa habitar o mundo: designa a tessitura de laços de pertencimento nas relações com o espaço, com as coisas, com os outros, simultaneamente construtora do mundo humano, conotado de significações (Heidegger, 2006).

No sentido de habitar, construir não é apenas compreendido como a edificação de construções, mas como o cultivo e o crescimento dos elementos do mundo com os quais entramos em contato e que passam a pertencer à nossa própria experiência. Assim, habitar e construir são ambas dimensões do modo humano da existência: “todo construir é em si mesmo um habitar” (Heidegger, 2006, p.128), em que as coisas se descortinam tanto no horizonte histórico quanto em sua dimensão concreta. Ao permanecer junto as coisas, relacionando-nos com elas, trazemos à tona o horizonte de sentido no qual elas se apresentam a nós.

No habitar o mundo que é condição de nosso existir, nos relacionamos com a facticidade do mundo, com sua dimensão concreta, entrelaçada pela tradição cultural, social e de pensamento que posiciona a perspectiva pela qual entramos em contato com o mundo fático. Na dimensão da tradição, encontra-se a temporalidade: a experiência no espaço concreto se dá no horizonte do tempo vivido, de nossa percepção da permanência das coisas e do próprio ato de perceber o mundo e relacionar-se com ele enquanto acontecimento. Entrelaçado à facticidade e à tradição, está o horizonte de desconhecimento de um mundo que se nos descortina sempre em perspectiva. Entremeada a tais dimensões, encontra-se nossa própria finitude, que se remete à dimensão de nossa trajetória existencial a partir da qual retomamos o mundo para nós.

A essência das coisas se apresenta, assim, no horizonte de um mundo concreto, de uma tradição, de uma temporalidade, de uma dimensão do sagrado (ou seja, do que não é completamente designável pela palavra) e da própria finitude humana. Heidegger nomeia o entrecruzamento dessas esferas como quadratura, designando-a poeticamente como a terra, o céu, os deuses e os mortais. Habitar, assim, diz respeito à permanência no mundo, iniciada com o nascimento e finda com a morte, que supõe também “permanecer diante dos deuses pertencendo à comunidade dos homens” (Heidegger, 2006, p. 129). As coisas se apresentam no horizonte da quadratura, e o próprio habitar, demorando-se junto às coisas, significa o cuidado ao modo como o mundo se apresenta a nós: “Os mortais habitam resguardando a quadratura em sua essência” (Heidegger, 2006, p. 130).

Resguardar, consiste, assim, num traço fundamental do habitar e implica “salvar” a terra – a relação de cultivo, de construção do mundo humano estabelecida com o espaço e

os entes intramundanos – testemunhar e vivenciar o tempo nos ciclos da natureza e na passagem do devir, lidar com a incerteza diante da própria existência e a abertura para as possibilidades do existir e, finalmente, lidar com a própria morte, enquanto possibilidade última da existência que interrompe o próprio habitar o mundo. Para Heidegger, o habitar preserva a quadratura quando os mortais se demoram nas coisas: relacionando-se com as coisas enquanto coisas, ou seja, no horizonte de uma rede de sentido, os mortais “protegem e cuidam das coisas em seu crescimento, quando edificam de maneira própria coisas que não crescem”. Conclui Heidegger que “Habitar é construir desde que se preserve nas coisas a quadratura” (p.131), ou seja, a rede significativa pela qual tecemos relações de familiaridade consiste no habitar e constrói também o mundo humano. Tal rede se desvela quando atentamos para nosso modo próprio de relação com as coisas, em que elas se apresentam no horizonte da tradição, do tempo, de nossa compreensão prévia de ser e dos remetimentos, conotações, significados com os quais lidamos com o mundo.

A possibilidade da Fenomenologia e do método fenomenológico ser um recurso epistemológico e metodológico na arquitetura foi dada, conforme destaca Furtado (2005), frente aos problemas relativos à crise da arquitetura. Para o autor a crise da arquitetura consiste em um problemático espaço entre a engenharia e a arte, ou seja, em uma ambígua relação que a mantém entre a estética e a técnica. A Fenomenologia aparece assim como uma possibilidade de romper com essa crise, no sentido de renovar o fazer da arquitetura a partir da retomada das vivências por elas mesmas, estabelecendo outro sentido a determinação da relação arte e ciência. Assim comenta o autor: “O retorno à experiência fenomenológica e existencial do habitar permitirá precisar o sentido do fazer arquitetônico ao prescindir desta dicotomia e retornar ao momento vivido, no qual funcionalidade e fruição da beleza se apresentam unidas” (Furtado, 2005, p.416).

Pode-se dizer que um dos principais precursores da Fenomenologia na Arquitetura foi o norueguês Christian Norberg-Schulz (1926-2000) com o livro “*Architettura: Meaning and Place*”, publicado em 1960. Nessa obra, apesar de mal compreendida em sua época, Norberg-Schulz estabelece como método arquitetônico o método fenomenológico, afirmando a necessidade de “voltar às coisas mesmas”, em completa oposição às teorias abstratas e especulações teóricas presentes no fazer arquitetônico.

Com isso, de acordo com Kate Nesbitt (2008), Norberg-Schulz adota uma “fenomenologia da arquitetura”. Ele utiliza a linguística, a gestalt e a fenomenologia para construir uma perspectiva abrangente. Introduz a antiga noção romana de *genius loci*, isto é, a ideia de que todo local tem um espírito que mantém um elo com o sagrado, criando um lugar no qual a humanidade deve habitar. Identifica o potencial fenomenológico na arquitetura como a capacidade de dar significado ao ambiente mediante a criação de lugares específicos, lugares protegidos para estar em paz – habitar.

Para Norberg-Schulz (2006) as paredes, chão ou teto são importantes porque são percebidos como horizonte, fronteiras e enquadramento da natureza. A fenomenologia abrange então não apenas o lugar, mas também a tectônica, pois o detalhe explica o ambiente e manifesta sua qualidade peculiar com os aspectos sensoriais dos materiais, da luz, da cor, bem como na importância simbólica e tátil das junções. A partir de Heidegger, pode-se compreender que esses aspectos realçam as qualidades poéticas.

Sendo totalidades qualitativas de natureza complexa, os lugares não podem ser definidos por meio de conceitos analíticos, científicos. Por questão de método, a ciência abstrai o que é dado para chegar a um conhecimento neutro e objetivo. Esse procedimento perde de vista o mundo-da-vida cotidiana. É a partir da perspectiva de Heidegger, para quem a poesia é capaz de concretizar as totalidades que escapam à ciência, que Norberg-Schulz aborda o lugar como parte da existência. O lugar é algo mais que uma localização, tem uma essência, possui matéria, forma, textura, cor, etc. É um fenômeno qualitativo que não pode ser reduzido a nenhuma de suas propriedades.

De acordo com Norberg-Schulz (2006), qualquer lugar possui uma identidade peculiar. É possível designar essa identidade em termos qualitativos. As propriedades básicas criadas pelo homem são a concentração e o cercamento, que são interiores, que se ligam ao exterior pelas aberturas, que por sua vez, se ligam à vizinhança. Os ambientes criados pelo homem incluem artefatos ou coisas que servem para reunir os homens. Temos os fenômenos naturais e os fenômenos fabricados pelo homem. Temos a categoria terra-céu (horizonte-vertical) e fora e dentro, que têm implicações espaciais não como uma noção essencialmente espacial, mas existencial. O lugar tem um caráter que é determinado por como as coisas são, é a partir do caráter que entendemos o espírito do lugar – *genius loci* – a essência do lugar.

Para Norberg-Schulz (2006), a noção heideggeriana de ser-no-mundo supõe um ambiente co-criado pela mão do homem, articulando habitar poeticamente e construir – relação pode ainda contribuir para a compreensão dos complexos problemas ambientais de nosso tempo. Ainda nessa acepção, um edifício pode ser uma obra de arte quando torna alguma coisa presente, isto é, a verdade (Norberg-Schulz, 2006). Como obra de arte, o edifício preserva a verdade. O templo torna a divindade presente. O templo articula o que dá ao ser humano a forma de seu destino. O templo torna todas as coisas do mundo visível. O templo abre um mundo e ao mesmo tempo volta a situá-lo sobre a terra, fazendo-o, confere verdade à obra. O templo faz o que faz por estar ali erigido.

O templo não está em qualquer lugar: os templos são construídos em lugares especiais e proeminentes. Graças ao edifício, o lugar obtém extensão e delimitação, e constitui um recinto sagrado para o deus. Este lugar determinado tem um significado oculto que é revelado pelo templo. O destino das pessoas está intimamente relacionado com o lugar.

O templo se repousa sobre o solo e se alteia no ar, ele proporciona visualização da terra, dando aparências às coisas. O ato de construir faz as coisas surgirem como são. Desse modo, o simples *factum est* (sucedeu que, aconteceu que) deve ser exposto pela obra, esse *factum* é revelado quando um mundo se mostra à vista para dar às coisas sua aparência. Mundo e coisa são conceitos interdependentes.

Segundo Norberg-Schulz (2006), Heidegger em “Ser e Tempo”, define o mundo do ponto de vista ôntico, como a totalidade das coisas, e do ponto de vista ontológico, como ser dessas coisas. Ôntico significa inerente ao ser, ao ente, e às suas características; o que está diretamente relacionado à sua existência concreta e múltipla, em oposição ao ontológico, que diz respeito à natureza geral, à essência comum a cada ser existente. Na descrição proposta por Heidegger da obra arquitetônica, vislumbra-se a relação direta entre o espaço construído e os outros entes, numa totalidade consistente e conotada de sentido que se encontra desde já presente na experiência humana com aquilo que nos cerca.

Uma obra arquitetônica, um templo grego, não copia nada. Ele se ergue simplesmente aí em meio às rochas escarpadas do vale. (...) Aí permanecendo, repousa a obra arquitetônica sobre o fundamento rochoso (...) a obra arquitetônica resiste à tempestade que se abate furiosamente sobre ela e mostra deste modo a própria tempestade em sua força (...) Aí permanecendo, a obra templo inaugura um mundo e, ao mesmo tempo, o re-situa sobre a Terra (...) Somente o templo, no seu permanecer aí, dá às coisas sua vista e aos homens a visão de si mesmos (Heidegger, 2014, p. 101-105).

Cada um dos quatro elementos da quadratura formada pela terra, céu, os seres mortais e os seres divinos (Heidegger, 2006), de acordo com Norberg-Schulz (2006), é o que é porque reflete os demais. Todos pertencem igualmente a um jogo de espelhos, a uma trama significativa que constitui o mundo. Pode-se entender o jogo de espelhos como um “entre aberto”, em que as coisas aparecem conforme são. Para ele, Heidegger (1957 citado por Norberg-Schulz, 2006) fala da permanência do homem entre terra e céu, entre nascimento e morte, entre a alegria e a dor, entre a obra e a palavra, e chama esse multiforme de mundo.

O mundo de Heidegger é uma totalidade concreta, um espaço hermeneuticamente consistente, em vez de ser concebido como um distante mundo de ideias, passa a ter um aqui e agora. A coisa é uma manifestação da quaternidade, como a jarra, a ponte, o templo. Esse desvelamento se dá na poesia e, em geral, na linguagem que em si é poesia no sentido essencial. A linguagem é a primeira a dar às coisas o acesso à palavra e à aparência. Quando as coisas são nomeadas pela primeira vez, são reconhecidas como são. Antes disso, eram

apenas fenômenos passageiros, mas os nomes as conservam, e um mundo se abre. Logo, a linguagem é a arte original, e dá a conhecer.

A partir da proposta fenomenológica de compreensão das relações entre sujeito e espaço, este trabalho procura apresentar os aspectos práticos e vivenciais desenvolvidos em uma disciplina do curso de arquitetura e urbanismo, cujo tema é “Fenomenologia e Arquitetura”, tendo como perspectiva principal uma articulação teórico-prática que permitisse a construção de uma intervenção a partir da apreensão do espaço vivido. A disciplina foi ministrada para alunos do nono período, de 2010 a 2014, com plano de ensino desenvolvido por dois psicólogos e um arquiteto e urbanista. Tal disposição permitiu uma associação entre psicólogos e arquiteto, que nos leva a considerar a dimensão pré-disciplinar da fenomenologia como eixo articulador de conhecimento e a criar um espaço de diálogo entre saberes e práticas diversos, presentes na formação dos professores, onde reside a interface criadora. No intuito de promover a apropriação de um saber que une “o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade” (Merleau-Ponty, 2015, p. 19), tal como a fenomenologia propõe, a proposta pedagógica da disciplina buscou articular os textos e as aulas expositivas a atividades vivenciais, que permitissem aos alunos apropriar-se de suas relações de sentido com o espaço e de seus modos de habitar o mundo.

No campo teórico, as aulas abordaram de modo geral a perspectiva fenomenológica, tendo como horizonte o espaço habitado. Como introdução, foi apresentada a perspectiva fenomenológica, sua crítica à ciência tradicional e a metodologia proposta por Husserl, sendo abordadas a relação entre sujeito e objeto e as concepções de epoché, redução eidética e redução transcendental. A partir dos trabalhos de Merleau-Ponty (2015), foram aprofundados os conceitos de essências, intencionalidade e percepção, como modo de fazer emergir a noção de consciência na relação com o mundo fático. Abordou-se em seguida o diálogo entre fenomenologia e arquitetura, tendo como base a fenomenologia heideggeriana. Como eixos articuladores, foram fundamentais as discussões sobre a relação entre o ser-aí, o espaço e as coisas, bem como as noções de habitar e construir, coisa e técnica, presentes na obra de Heidegger.

ASPECTOS PRÁTICOS

Junto ao embasamento teórico introdutório à fenomenologia, iniciamos algumas atividades práticas, voltada ao reconhecimento da vivência do espaço. A primeira atividade se direcionava à compreensão do espaço habitado, sendo realizada a leitura do texto “Laicidade” de Michel Serres (1996), a partir do qual os alunos deveriam descrever um lugar significativo em sua história de vida. A segunda atividade voltou-se à compreensão da rede de remetimentos relacionada aos elementos do espaço. Foi realizada a leitura de um trecho

do livro “Passagens”, de Walter Benjamin (2010), no qual o autor descreve Paris no início do século XX, criando uma rede de relações entre diversos objetos e locais.

A partir do texto, os alunos deveriam desenhar o espaço narrado, apresentando com destaque os elementos significativos do texto. Tal atividade teve como intuito suspender a orientação natural do desenho técnico de observação, treinado nas disciplinas de desenho, para fazer emergir expressões visuais que relacionassem os elementos representados à perspectiva vivida pelo autor. A terceira atividade, realizada a partir da leitura do prefácio de Fenomenologia da Percepção, de Merleau-Ponty (2015) visava criar uma experiência de suspensão fenomenológica, em que emergisse o primado do mundo concretamente vivido. Os alunos realizaram uma caminhada pela universidade, de olhos vendados e guiados por um colega, e deveriam identificar onde estavam, sem utilizar o recurso visual. A seguir, solicitou-se que cada aluno descrevesse os elementos perceptivos utilizados para distinguir o espaço, tais como odores, texturas, ruídos, etc.

A partir dessas atividades preparatórias, foi realizada uma última atividade, voltada à construção de uma intervenção arquitetônica a partir de uma descrição fenomenológica. A atividade iniciou-se com uma visita à Praça Pedro Sanchez, local central de Poços de Caldas – MG, que consiste numa importante referência urbana. Cada aluno deveria observar as vivências que o estar na praça evocava para si, que era relatada textualmente, o que permitia designá-las por meio da linguagem.

O termo vivência vem do latim *viventia* e do alemão *Erlebnis*, que significa “aquilo que se vive”. Nos escritos fenomenológicos esse termo se refere também aos atos, atividades, característicos do ser humano, tais como: percepção, imaginação, recordação, pensamentos, entre outros. A descrição textual de vivências na praça, simultaneamente procurava suspender a visão calculante do espaço, baseada em medidas, conceitos de paisagismo e projeto arquitetônico, e reconduzir o olhar para a trama significativa de seus elementos, fazendo emergir a rede de remetimentos que contextualizava a praça para cada um.

Percebemos uma grande dificuldade dos alunos em descrever suas vivências. Primeiramente, por serem alunos de arquitetura, mais familiarizados com desenho do que com textos, eles encontraram dificuldades de nomear aquilo que seu vive. Em segundo lugar, tendiam a manter uma visão conceitual, permanecendo presos a uma análise da aplicação de noções da arquitetura. Na discussão sobre sua produção no próprio local, foi possível reconhecer novas vivências e enriquecer a descrição da presentificação do espaço, de seus elementos e acontecimentos, e os alunos dedicaram-se à tarefa de detalhar suas vivências. Nas descrições realizadas pelos alunos, evidenciou-se a perspectiva particular a partir da qual cada um observava a praça, articulada a um campo de experiências comuns, dadas tanto pela dimensão objetiva do espaço quanto pela esfera de significações comuns atribuídas tradicionalmente à praça. Assim, a experiência particular entrecruzava-se tanto às

significações da tradição quanto à dimensão concreta do espaço, remetendo à designação heideggeriana da quadratura. Abordaremos a seguir algumas das produções realizadas.

Descrições do estar na praça

Na descrição do aluno Vanderlei¹, as significações emergem, primeiramente, dos elementos naturais da praça, como sombras e árvores, remetidas diretamente às vivências de tranquilidade que se contrapõem ao cotidiano urbano. O ângulo no qual a praça se apresenta transforma-se a partir da visão de um fato particular: a observação de uma criança sobre seu reflexo nas águas da fonte. A relação que se estabelece entre a criança e a fonte emerge como possibilidade particular de relação entre as pessoas e a praça e como modo singular de habitá-la. Esse jogo de reflexos se expande na descrição do aluno, abrangendo as copas das árvores e os raios do sol. Os elementos da praça mostram-se num interjogo de encontros e figuras e criam remetimentos entre o reflexo das imagens e uma experiência humana: a reflexão. Enquanto observação do mundo, nas imagens que se apresentaram na fonte, nas sensações provocadas pelos componentes do espaço natural, a reflexão se apresenta na própria descrição fenomenológica da praça. Conforme o texto de Vanderlei:

No banco, percebo o vento que toca minha pele e faz as sombras das folhas das arvores se moverem no chão, num balançar desordenado, em que nunca se repetem.

É um espaço feito de árvores e caminhos com temperatura agradável e cheiro de natureza, pássaros coloridos cantam sobre a minha cabeça e por alguns minutos me ausento dos problemas do dia a dia. Dentro desse espaço, percebo pessoas andando, crianças brincando.

E uma pequena garota olhando para o fundo da fonte me chama a atenção. Ela parece procurar algo que não existe, ou pelo menos exista só em sua própria mente, mas o que ela percebe é seu próprio rosto refletido na água. Ela, admirada, chama sua mãe para poder participar da experiência.

A praça é um local de admiração e a água da fonte reflete o teto formado pela copa das árvores e filtra os raios de sol que toca minha pele.

A praça é um lugar de reflexão, e minha intervenção ocorre a partir da reflexão subjetiva de cada pessoa.

¹ Todos os nomes de alunos foram modificados para preservar a identidade dos participantes.

No texto da aluna Laura, o ponto de partida para a descrição também é o contato direto com os elementos naturais, como o vento e as árvores. No entanto, tal contato remete diretamente à passagem do tempo. A vivência apresentada pelo ritmo mais lento da praça desvela o tempo como elemento presente na própria experiência humana. Ao perceber-se, pelo rompimento do ritmo cotidiano, no devir entre o que já não é mais e o que ainda não é, emergem os modos como cada transeunte na praça ocupa o espaço, em seus encontros, atividades e observações. Emergem também as próprias experiências no tempo, em que o espaço da praça fora ocupado pelas brincadeiras de infância. O elemento da praça e sua evidenciação do tempo desvelam-se numa rede de remetimentos em que a praça se associa às atividades de convivência, uma de suas ocupações presente na tradição de nossas experiências na relação com a praça e também usualmente retomada pelas crianças. Conforme o texto de Laura:

Em sensações do clima de outono, vento nas árvores, brisa fresca que toca o rosto e o sol que ilumina o ambiente natural e vívido durante a tarde. A calma que o lugar transmite nos faz pensar mais na vida e nos acontecimentos passados e ao mesmo tempo fazer planos para o futuro.

Ao redor, posso perceber pessoas com diversos tipos de “sensações”, algumas sozinhas, que parecem pensar na vida, outras rindo e conversando de acontecimentos, no mínimo memoráveis, casais desde os mais novos até os mais velhos apreciando o lugar.

Lembranças do passado vem à tona, brincadeiras na praça com os coleguinhas da escola, passeios com a família, até mesmo em outras cidades. Tudo aquilo que tenho de bom, lembranças resgatadas em apenas alguns minutos. Sensações boas, lembranças, desapegos e apegos, uma vida toda que se passa diante dos olhos e um sorriso de gratidão no rosto.

É também a suspensão do tempo o primeiro aspecto que se desvela na descrição da aluna Sara. Assim como ocorrido com a aluna Laura, o contato com os elementos naturais da praça, como o cheiro das plantas, o vento, o sol, os pássaros e águas, interrompe o fluxo cotidiano do espaço urbano. Na vivência da aluna Sara, no entanto, tal interrupção remete-se em primeiro plano à experiência da infância, em que tanto o tempo quanto o espaço eram percebidos de modo semelhante. As experiências de infância da aluna, relacionadas ao contato com a natureza e ao lúdico, são associadas ao ócio e ao tempo mais lento da praça.

É início de tarde, sentada aqui na grama sinto o cheiro do verde à minha volta, sinto a brisa e junto com ela um friozinho que, misturado ao sol de outono, se torna

aconchegante. Sentada aqui, escuto o canto dos pássaros, o barulho das águas de um pequeno corrego. Ao fundo, o som dos carros que passam apressadamente, sem nem se dar conta daqui. Todo esse verde, toda essa sensação do comecinho de tarde de outono, o barulho dos pássaros, me trazem uma tranquilidade a qual eu acho que só senti na infância. Infância na qual eu desfrutava de um cenário quase que idêntico, quando nas férias sempre ia ao Parque Novo Horizonte, em Varginha, com as minhas tias e meus primos. Lá, eu desfrutava de um delicioso piquenique, sentada na grama, sentindo o mesmo cheirinho de verde, ouvindo os pássaros e o barulho do pequeno riacho que lá havia.

Sentada aqui, me recordo de como era bom não ter que se importar com o tempo, não ter nada o que fazer e com o que se preocupar, era tudo tão simples, eu só tinha que me preocupar em me divertir. Essa brisa que eu sinto agora tem outro sabor, o sabor da infância e da saudade.

Nesta segunda visita, os alunos iniciaram a elaboração de desenhos onde o tema eram as vivências, alguns desenhos encontram-se abaixo. Nos desenhos do aluno Vanderlei, a praça é apresentada tendo como ponto central a fonte e os reflexos dos objetos sobre ela. As cores do desenho são aquareladas, translúcidas, criando a impressão de interpenetração e expressando a impressão de movimento e de reflexos presente na descrição da vivência na praça. Sem formas estreitamente definidas, os elementos misturam-se e a própria criança vista olhando-se na fonte é desenhada de maneira transparente, misturando-se à fonte e fundindo-se no próprio reflexo. O ambiente tem a fonte como ponto central e é fechado em si mesmo: não se percebe o que há fora da praça. No desenho “A praça”, o aluno realça, assim, a experiência de voltar-se a si mesmo proporcionada pelo estar na praça.



Imagem 1 – A praça

Fonte: Banco de dados da pesquisa

No desenho A Praça II, da aluna Laura, destaca-se a rede de lembranças advinda com a praça, que permitiria colorir/conotar a praça com outras perspectivas e novos pontos de observação. Diversos círculos coloridos, semelhantes a balões infantis, apresentam as lembranças de infância e a perspectiva do lúdico como elemento abarcável pela praça. O movimento dos círculos sob as construções estilizadas em direção angular imprime movimento à cena, trazendo à tona a dimensão do tempo descrita pela aluna.



Imagem 2 – A Praça II

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Na expressão visual Vivências, da aluna Sara, para quem a interrupção do tempo cotidiano pelos elementos naturais da praça também se apresenta como primeiro aspecto do contato com o lugar, a praça é apresentada como recobrindo o próprio espaço da cidade. As árvores, caminhos e bancos tomam todo o espaço, criando um ambiente que isola seus integrantes do espaço urbano.

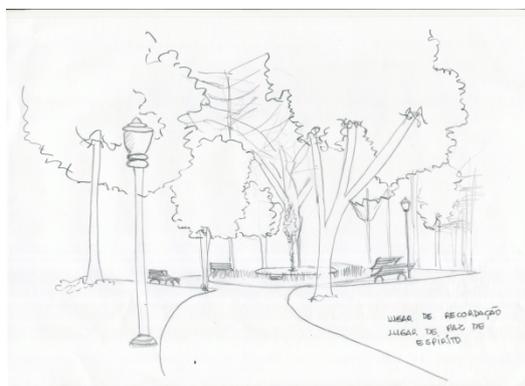


Imagem 3 – Vivências

Fonte: Banco de dados da pesquisa

De posse deste material cada aluno apresentou para a classe seu texto e seus desenhos explicando todos os aspectos das suas vivências. Com ajuda dos professores foram levados a “voltar às coisas mesmas” nas suas vivências, retirando os pré-conceitos existentes, tanto do ponto de vista das concepções técnicas quanto do ponto de vista do olhar sobre a praça enquanto espaço em si. A partir da trama significativa desvelada com o lugar nas

descrições e imagens e de um estudo preliminar para intervenção na área, cada aluno desenvolveu e apresentou um projeto.

A intervenção proposta pelo aluno Vanderlei baseou-se na apropriação de sua vivência por meio de um jogo de reflexos descrito em seu texto e representado no desenho A Praça. Assim, decidiu fazer uma instalação, criando um caminho colorido, cheio de recortes e espelhos em seu interior. O projeto procurava, assim, refletir os cheios e vazios que permitem a passagem do sol, do vento, dos animais e das pessoas, criando jogos de luz e sombras, alternância de sensações e intermitências. Os espelhos no interior do caminho intentam refletir a pessoa que passa, fazendo-a refletir em si, simultaneamente integrando própria imagem no jogo de reflexos da passagem e permitindo o acesso à sua própria imagem na praça.



Imagem 4 – Caminho
Fonte: Banco de dados da pesquisa

A aluna Laura, para quem as dimensões do movimento e do tempo trouxeram lembranças e deram sentido à sua vivência da praça, criou um projeto que, simultaneamente, amplia o espaço da praça e permite sua visão de um novo ângulo: um mirante. A construção proposta cria três novas dimensões sobre a praça: abaixo, oferece um espaço coberto; na transição entre suas escadas, oferece um novo campo de circulação; no espaço superior, oferece uma cena da praça vista de cima, ângulo anteriormente inexistente. Assim, o movimento representado no desenho A Praça II ganha objetualidade na possibilidade de circulação do olhar e dos corpos por novos ângulos e espaços.



Imagem 5 – Mirante
Fonte: Banco de dados da pesquisa

Para a aluna Sara, o aspecto mais significativo da praça mostrou-se na contraposição com a cidade, como ambiente acolhedor e portador de outro ritmo, mais lento, próprio ao descanso e à observação. A partir dessa significação dada à praça, a aluna desenvolveu um projeto que permitiu um espaço efetivo de isolamento da cidade dentro da praça: um espaço de estar entreaberto, em que a vivência do repouso se evidencia ainda mais claramente. A descrição intimista, bem como a expressão visual de fechamento da praça no desenho Vivências, materializa-se no projeto Espaço de Estar.



Imagem 6 – Espaço de estar
Fonte: Banco de dados da pesquisa

DISCUSSÃO

No decorrer da disciplina, diversos aspectos se apresentaram. Primeiramente, do ponto de vista pedagógico, o processo de aprendizagem dos alunos desenvolveu-se num movimento de desconstrução e reconstrução do olhar. Inicialmente, a busca de conceitos, orientações prévias e a preocupação com elementos técnicos dificultaram a apreensão da dimensão do lugar como fenômeno (Norberg-Schulz, 2006). Nesse sentido, as atividades apresentadas como elementos facilitadores tiveram a importante função de permitir o caminho inverso ao usualmente construído pela ciência: a possibilidade de partir da própria experiência para a teorização e a elaboração de uma práxis – nesse caso, o projeto arquitetônico – a partir dela. A descrição de um lugar da lembrança a partir do texto de Serres (1996), que aborda nossa impregnação pelas experiências, bem como o desenho de um lugar descrito a partir da lembrança, no texto de Benjamin (2010) permitiram um contato maior com a descrição do imediatamente vivido, resgatando o espaço tal como se apresenta ao olhar ingênuo, ou, em outras palavras, promovendo possibilidades de designar o “mundo percebido” Merleau-Ponty (2015, p. 7).

A partir dessas atividades iniciais, a descrição de uma caminhada de olhos vendados levou à descrição das próprias vivências a partir da percepção. A partir do contato

com os próprios sentidos e com maior atenção à designação do contato direto do espaço, o lugar emerge enquanto fenômeno, em sua dimensão transdisciplinar: não diz respeito apenas a um sítio, em suas dimensões mensuráveis, como extensão e componentes químicos, mas também aos percursos realizados por aqueles que neles circulam, às relações estabelecidas entre os diversos elementos nele presentes, às histórias, lembranças e tradições que evocam, a seu uso e seu sentido. Assim, a ressignificação da relação com o espaço o insere na perspectiva da transdisciplinaridade, em que o espaço não é apenas arquitetônico ou geográfico, mas histórico, cultural, psicológico – morada humana.

Em todas as descrições e desenhos das vivências na praça elaborados pelos alunos, destacou-se a dimensão das relações de sentido que cada transeunte/habitante podia estabelecer com a praça: figuraram descrições de pessoas que passavam, do som dos pássaros, do repouso, da brincadeira, da lembrança, do recolhimento. Em tais descrições, emerge a própria intencionalidade da consciência: a praça se apresenta nas facetas pelas quais cada ato de consciência a toca. Nesse sentido, descreve-se também o modo como cada um habita a praça, reconhecendo nela uma compreensão de ser e interagindo a partir dela. Tais relações evidenciaram-se nos projetos arquitetônicos propostos, que destacaram uma perspectiva possível pela qual é possível vivenciar a praça.

Nesse sentido, alguns temas se destacaram: o contato com a natureza, a contraposição entre a praça e a cidade (que levou alguns alunos a projetar intervenções em que fosse possível proteger-se na praça, como no exemplo da aluna Sara, ou separar a praça e a cidade), a relação entre praça, infância e lembrança, as possibilidades de interação com a praça enquanto espaço de permanência (para leitura, descanso, jogos), a praça como simples espaço de trânsito, no qual as pessoas simplesmente passam (que levou alguns alunos a buscar intervenções que chamassem a atenção das pessoas para a praça), a vivência da praça como uma vivência de lentificação do tempo.

Referências

- FURTADO, J. L. (2005) *Fenomenologia e crise da arquitetura*. Kriterion. vol.46, n.112, pp.414-428.
- BENJAMIN, W. (2007) *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- HEIDEGGER, M. (2006) *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes.
- HEIDEGGER, M. (2012) *Ser e Tempo*. Primeira edição: Petrópolis: Vozes.
- HEIDEGGER, M. (2014) El origen de la obra de arte. *Em: _____*. *Arte y Poesia*. (pp. 59-123). Ciudad de México: Fondo de cultura económica.
- HUSSERL, E. (2011). *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. Aparecida: Ideias & Letras.

- KANT, I. (2015) *Crítica da Razão Pura*. (Os Pensadores). São Paulo: Editora Martin Claret.
- MERLEAU-PONTY, M. (2015) *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- NESBITT, K. (2006) *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify.
- NORBERG-SCHULZ, C. (2006) *O fenômeno do lugar*. Em: *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*. (pp.443-444). São Paulo: Cosac Naify.
- SERRES, M. (1996) *Laicidade*. Em: _____. *Filosofia Mestiça*. (pp.1-7). São Paulo: Nova Fronteira.

Nota sobre os(as) autores(as)

Tatiana Benevides Magalhães Braga. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais. E-mail: tatibmb@gmail.com.

Luiz Paulo Cobra Monteiro. Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Coordenador do Curso de Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Poços de Caldas, Minas Gerais. E-mail: lpcobra@uol.com.br.

Tommy Akira Goto: Doutor em Psicologia, Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais. E-mail: tommy@ufu.br.